



# A Medalha Comemorativa do “1.º Vôo Português em África” no Farman F.40: alguns aspetos biográficos do seu interveniente, o malogrado alferes de cavalaria e piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho

ORLANDO DA ROCHA PINTO<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Docente universitário aposentado. Condecorado em Ordem de Serviço com a medalha de prata das campanhas de Angola, 1972-1974. Sociedade Portuguesa de Autores, Associação da Nobreza Histórica de Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa, Venerável Irmandade Ordem Terceira de São Francisco, Porto, Irmandade da Ordem da Misericórdia e de São Roque, Lisboa, Associação Portuguesa de Genealogia, Colégio Brasileiro de Genealogia, Academia Portuguesa de Ex-Libris, Instituto de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto, Grupo de Amigos de Lisboa, Associação Cultural Amigos do Porto, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Confraria do Apóstolo Santiago da Basílica dos Mártires de Lisboa, Venerável Irmandade da Nossa Senhora da Lapa, Porto, e Confraria da Rainha Santa Isabel, Coimbra.

## RESUMO

Texto a propósito da Medalha Comemorativa executada no último quartel do século passado, na casa Medaglis, Lda., desenhada pelos artistas escultores-gravadores A. Cândido e F. Pires, relacionada ao 1.º voo português em África (Moçambique), em que faleceu o oficial piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho, que, infelizmente, menciona erradamente o mês do funesto acidente. São abordados os intervenientes do início da aviação militar portuguesa, assim como alguns elementos biográficos devidamente comprovados do primeiro piloto português a morrer em terras africanas.

## PALAVRAS-CHAVE

Medalha; 1.º voo; África; Gorgulho.

## ABSTRACT

Text about the Commemorative Medal executed by the last quarter of the last century, in the house Medaglis, Lda., designed by the sculptor-engraver artists A. Cândido and F. Pires, related to the 1<sup>st</sup> Portuguese flight in Africa (Mozambique), in which the aviator pilot officer Jorge de Sousa Gorgulho died, where unfortunately is wrongly mentioned the month of the fatal accident. The participants of the early Portuguese military aviation are addressed, as well as some biographical elements duly proven of the first Portuguese pilot to die on African land.

## KEYWORDS

Medal; 1<sup>st</sup> flight; Africa; Gorgulho.

Há tempos, e cremos que verdadeiramente tenha sido em meados do século passado, mais propriamente pelo fim da década de oitenta (segundo informação do atual gerente da oficina que a fabricou, Sr. Fernando Pires), foi executada uma interessante medalha, incluída numa coleção de 24, alusiva à aviação portuguesa, pelos artistas escultores-gravadores A. Cândido e F. Pires e produzida pela casa Medaglis, Lda.

Em bronze, em número de 350 exemplares, com o soberbo peso de 255 gramas, tendo de módulo 80 mm e de espessura ou bordo 6 mm, onde, na sua página principal ou, como também é conhecida, anverso, apresenta, desenhado por A. Cândido, em alto-relevo, ao centro, o avião Farman F.40, tendo como letreiro, por cima do desenho do próprio aparelho, o nome pelo qual era conhecido, designadamente FARMAN F.40, e, por baixo dele, a correspondente legenda: “MOÇIMBOA DA PRAIA / MOÇAMBIQUE / 7.8.1917”. Consta no seu exergo, ou seja, na parte inferior, por baixo de todo o resto, o título próprio alusivo da medalha: “1º VÔO PORTUGUÊS EM ÁFRICA”. No seu reverso, executado por F. Pires, tem, em figuração central, um desenho tipo croqui do referido avião, que separa duas legendas informativas a rodear o seu bordo. Na parte superior da medalha, “ESCOLA DE AERONÁUTICA MILITAR. VILA NOVA DA RAINHA. 1916”, seguindo-se, por baixo, “1º CURSO DE PILOTAGEM / DA E.A.M. / 6.10.1916”. Na zona inferior, mesmo junto ao bordo, o dístico informativo “ESQUADRILHA EXPEDICIONÁRIA A MOÇAMBIQUE. 1917.”, que tem, por cima, a referência a “HOMENAGEM / A / JORGE GORGULHO / VITIMADO POR ACIDENTE AÉREO / 8. 8.1917”.

A revista semanal *Ilustração Portuguesa*, na rubrica “Portuguezes em campanha na África”, dá a notícia da sua morte, acompanhada pela sua fotografia do rosto (Chaves, 1917, p. 284). Mais tarde, a mesma revista teve a oportunidade de novamente divulgar o trágico acontecimento, sob a parangona “A nossa campanha em África”, que, embora tardiamente, apresenta a mesma fotografia da sua pessoa, bem como a do estado em que ficou o seu Farman F.40, com a seguinte legenda: “Mocimboa da Praia – Aeroplano desmantelado, depois da queda desastrosa do alferes sr. Gorgulho, na qual teve a morte este corajoso aviador” (Chaves, 1918a, p. 133).



**Figura 1.** Anverso e reverso da medalha alusiva ao 1.º voo português em África, dos escultores-gravadores A. Cândido e F. Pires, executada pela casa Medaglis, Lda.

Ambas as faces desta tão insigne e interessante medalha conferem a esta peça medalhística o que se pode considerar inestimável pelo seu alto valor artístico.

Apesar de a medalha ter sido executada com desvelo e primor, erra, infelizmente, na data relacionada ao mês do malogrado acontecimento no qual o brilhante oficial português, alferes de cavalaria e piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho (1894-1917), pereceu tragicamente, em virtude de o seu aeroplano se ter despenhado e, ao embater no solo, se ter incendiado, provocando-lhe a “morte seis horas depois” do acidente, este ocorrido em 08/09/1917, em terras da África Oriental Portuguesa, como então se dizia para designar Moçambique, e não como aponta a respetiva medalha como tendo ocorrido o acidente no mês de agosto (AHM, 1905-1917).

Perante tal facto, será legítimo perguntar quem era efetivamente o alferes piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho, já que pouco ou quase nada sobre ele se conhece?

Na verdade, e conforme consta no seu processo individual presente no Arquivo Histórico Militar, em Lisboa, sob a direção (em 2014) do então Senhor General João Manuel Santos de Carvalho, um documento diz que faleceu “pelas 12,50 horas” na “enfermaria da Base desta expedição”, sediada em Mocímboa da Praia, no dia 8 de setembro de 1917, como relata o comunicado n.º 30 dirigido ao comandante do Regimento de Cavalaria N.º 2, que então estava aquartelado em Belém, Lisboa, ao qual o alferes Gorgulho pertencia, tendo de imediato o ilustre graduado sido sepultado no cemitério daquela localidade, como bem traduz um outro elemento informativo, onde, segundo parece, lhe foram prestadas todas as justas e devidas honras militares, já que para a metrópole era proposto o seu nome, a fim de constar no quadro de honra da sua unidade, porquanto mostrou “coragem e sangue frio extraordinário” (AHM, 1905-1917). Também no seu arquivo pessoal encontra-se ainda uma notícia dada um pouco mais tarde, por cópia de telegrama, sem data (?), endereçado à “Escola Aviação Azambuja, Portugal”, que informa que os seus restos mortais seguiram no vapor Moçambique, levando a crer ter sido trasladado para Portugal alguns anos depois (AHM, 1905-1917). E nada mais consta sobre este melindroso assunto.

No entanto, o que se sabe é que o alferes de cavalaria N.º 2 e piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho faleceu “por motivo de desastre quando executava um vôo”, como foi participado o seu passamento ao comandante metropolitano (AHM, 1905-1917). Tinha a idade de 22 anos, quando lhe faltava sensivelmente dois meses para atingir os 23 anos, pois tinha nascido na cidade de Lisboa, freguesia de Santa Engrácia, às três horas da manhã do dia 30 de novembro de 1894 (ANTT, 1815). O evento batismal foi realizado pelo reverendo padre Ignácio Celestino Fernandes Lobo, no dia 2 de fevereiro de 1895, o qual escreveu o termo, onde apresenta circunspectamente ser filho “illegítimo” do então “1º Sargento d’artilheria quatro” (ANTT, 1815). De notar que, em julho de 1904, o seu pai já se encontrava como “tenente administrativo-militar”, como se observa no atestado médico passado pelo capitão médico do regimento n.º 4, Zeferino Martins da Silva Borges, a seu filho Jorge, o qual mencionava que se encontrava “em excelente estado de saúde” para que este pudesse ingressar no Colégio Militar, como veio a acontecer no ano seguinte, e cujo documento original se encontra aqui, nesta instituição, com cópia autenticada que está presente no seu processo individual (AHM, 1905-1917).

Efetivamente, Jorge Gorgulho era filho de Joaquim de Sousa Gorgulho e de Rosalina da Conceição Pereira, “d’ocupação doméstica, naturaes, elle, da freguesia de Nossa Senhora da Luz, concelho de Tavira, diocese de Faro, e ella da freguesia de São Sebastião do Vemieiro<sup>1</sup> (sic), concelho d’Alcobaça, aquele viúvo, e esta solteira”, moradores no Campo de Santa Clara, número trinta e sete, segundo (andar). Era neto paterno de José de Sousa Gorgulho, que era negociante (como apresenta o termo de casamento de

<sup>1</sup> Vimeiro.

Joaquim com Rosalina, realizado pela 3.<sup>a</sup> conservatória de Lisboa, a 25 de dezembro de 1913) (ANTT, 1913), e de Bernarda da Conceição, e neto materno de António Fernandes Pereira e de Cândida da Conceição, sendo padrinho de batismo do nosso visado e homenageado José Maria de Leite Sá Junior, “oficial da Biblioteca da Escola Polythecnica e madrinha Dona Maria da Conceição Morgado Guerra, d’ocupação doméstica”, cujo testemunho foi assinado por todos “menos a mãe por não saber escrever” (ANTT, 1815). Consta ainda na folha do assento de ba-

tismo, em averbamento, o seguinte: “Cancelado este registo por se encontrar transcrito na 3.<sup>a</sup> conservatória desta cidade em 24 de Dezembro de 1913 no livro n.º 22 sob o n.º 354 documento n.º 526 do maço n.º 1 deste ano. Lisboa 16 de Dezembro de 1933 (assinatura ilegível)” (ANTT, 1815).

Curioso observar que se encontra no Colégio Militar, no Largo da Luz, Lisboa, uma certidão de batismo com valor de certidão de nascimento de Jorge de Sousa Gorgulho, cuja cópia autenticada está presente no seu processo militar, que muito provavelmente serviu para lhe dar legitimidade de poder ingressar no exército, passada pelo pároco da então “Real Paroquial Igreja de Santa Engrácia”, padre Alfredo Elviro dos Santos, no dia 5 de julho de 1904, contendo o reconhecimento da assinatura ou, como no tempo se dizia, pelo “signal” dado no dia seguinte, 6 de julho, pelo notário, Dr. João Ribeiro d’Almeida Carvalho, de “[...] tendo por emolumentos dois selos fiscais, um de 20 réis e outro de 2, inutilizados cada um pela data de “6 Jul 1904”, onde o dito presbítero transcreveu particularmente quase tudo bem relacionado a todo o histórico batismal. No entanto, erradamente colocava o evento no respetivo “livro 46 dos batismos d’esta freguesia a fl 14v”, referindo depois que o batismo foi dado “aos dois dias do mês de Fevereiro do anno de mil oitocentos noventa e quatro” e que “nasceu no dia trinta do mez de Novembro do anno último”, que seria o ano de 1893 (AHM, 1905-1917).

Qual terá sido o motivo para se ter trocado deliberadamente as coordenadas de localização e datas do respetivo assento? O que é um facto bem concreto é que os seus pais se receberam civilmente, na década seguinte, às 13 horas do dia 25 de dezembro de 1913, pela intervenção da conservatória do 3.º bairro de Lisboa, na pessoa de José Amaro da Silva, “ajudante do conservador do Registo Civil”, o qual se deslocou para realizar o consórcio à habitação dos contraentes, que correspondia “ao primeiro andar do prédio número dez, da Calçada Marquez de Abrantes”. O progenitor de José de Sousa Gorgulho, ao momento, tinha a idade de cinquenta e três anos (logo, terá nascido em 1860), já estava com a patente de capitão da administração militar e era viúvo, como aliás foi referido, de Delfina Júlia Gorgulho, falecida em 24 de janeiro de 1894, a qual

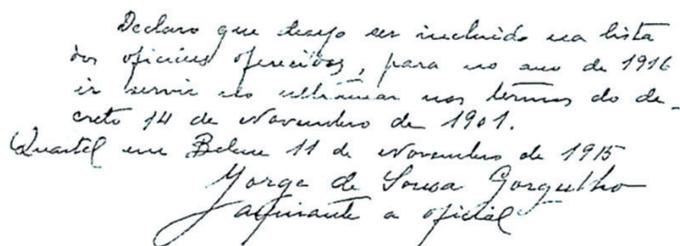


**Figura 2.** Retrato de Jorge de Sousa Gorgulho (Rocha, 1971, pp. 74-75).

era, como ele, natural da freguesia da Luz, concelho de Tavira, e a mãe, Rosalina da Conceição Pereira, por sua vez tinha a idade de quarenta e um anos (assim, nasceu em 1872), natural da freguesia do Vimeiro, Alcobaça, localidades também já sublinhadas. É interessante observar que aqui a senhora já assinou o seu nome por extenso, como se observa no respetivo livro, assento n.º 216 A, que ainda se encontra presente na Conservatória do Registo Civil de Lisboa<sup>2</sup>. Informa ainda este registo que o alferes piloto-aviador Gorgulho tinha uma irmã, Cândida, nascida a 18 de janeiro de 1897, e um irmão de nome Carlos, este nascido a 12 de dezembro de 1898, ambos batizados na freguesia da Ajuda, Lisboa. Por este ato de seus progenitores foram seus filhos legitimados “para todos os efeitos legais”.

Ingressa Jorge de Sousa Gorgulho no Colégio Militar em 1905, tendo recebido o número de ordem 214 desta instituição académica, na qual permanece até ao ano de 1911, como informa o livro *Calixto n.º 1*, que apresenta o seu retrato, executado em moldes de desenho, juntamente com outros “meninos da luz” (Rocha, 1971, pp. 74-75).

Dá-nos conta a sua “Folha de Matrícula”, presente no já aludido Arquivo Histórico Militar, que Jorge Gorgulho tinha “1 metro e 750 milímetros de altura” e foi alistado como voluntário no Regimento N.º 4 de Cavalaria do Imperador d’Alemanha Guilherme II, sendo incorporado, em 24 de julho de 1911, tendo-lhe sido concedida depois uma licença especial para estudos, a partir de 1 de setembro. Foi aspirante a oficial do Regimento de Cavalaria N.º 4, onde tinha o n.º 1110 do 1.º esquadrão, e foi promovido a alferes pelo decreto de 16 de novembro de 1915, se bem que, dias antes, a 11 de novembro, ainda no quartel de Belém, se incluía na lista de “aspirante a oficial” que se oferecia para, no ano de 1916, “servir no ultramar nos termos do decreto 14 de Novembro de 1901”. Todavia, refere uma folha informativa relacionada à sua pessoa, escrita pelo seu superior hierárquico pelo ano de 1916, que era efetivamente “bom oficial, cumpridor dos deveres a seu cargo e recomendável pela aptidão e interesse manifestados na aprendizagem de vôo, (para) frequentar o curso de piloto aviador”, rematando que lhe merecia bom conceito e que, portanto, o julgava digno de acesso (AHM, 1905-1917).



Declaro que desejo ser incluído na lista  
dos oficiais aspirantes, para no ano de 1916  
ir servir no ultramar nos termos do de-  
creto 14 de Novembro de 1901.  
Quartel em Belém 11 de Novembro de 1915  
Jorge de Sousa Gorgulho  
Aspirante a oficial

**Figura 3.** Assinatura de Jorge de Sousa Gorgulho, datada de “Belém 11 de Novembro de 1915”, quando solicitava ser incluído na lista para servir no Ultramar, que se encontra no seu dossier pessoal (AHM, 1915).

<sup>2</sup> Este livro foi-nos prestamente alcançado pela senhora escriturária Helena Maria Cruz e Sousa.

Assim, recebeu a respetiva “Guia” para se apresentar na Escola Aeronáutica Militar, em Vila Nova da Rainha, Azambuja, que tinha sido criada pela intervenção do Ministério da Guerra, designadamente com a força de lei n.º 162, de 14 de maio de 1914, a qual tem 9 artigos, descritos no *Diário do Govêrno*, devidamente assinados quer pelo presidente da República Manuel de Arriaga quer pelos ministros general António Júlio da Costa Pereira d’Eça e vice-almirante Augusto Eduardo Neuparth, mas que só começou a funcionar efetivamente depois da sua inauguração, no dia 1 de agosto de 1916, onde, no “Berço da Aviação Militar Portuguesa”, fez parte integrante do primeiro curso de pilotagem militar dado pela Escola, tendo iniciado a sua instrução em 16 de outubro de 1916, dada pelo então tenente José Barbosa Santos Leite, com carta de instrução tirada em Inglaterra, assim como outros que aqui deram instrução aeronáutica, designadamente Norberto Ferreira Guimarães, Alberto Cifka Duarte, Óscar Monteiro Torres, António de Sousa Maia, Alberto Lello Portela, Francisco da Cunha Aragão, João Salgueiro Valente e Carlos Esteves Beja.

Uma fotografia da Escola de Aeronáutica Militar, em Vila Nova da Rainha, vista de aeroplano, a 400 metros de altura, tirada por Almeida Ribeiro Saraiva, tenente-médico da mesma Escola, e que veio publicada na *Ilustração Portuguesa*, de 13 de janeiro de 1919, a propósito de noticiar a “Morte de um aviador”, o tenente de cavalaria Carlos Henrique Jones da Silveira, instrutor da Escola Militar de Aviação, que, no aparelho em que seguia, “por motivo de qualquer avaria, caiu no Tejo, morrendo afogado o valente militar” (Chaves, 1919, p. 39).



**Figura 4.** Pista de voo e hangares da Escola de Aeronáutica Militar, em Vila Nova da Rainha, Azambuja (Saraiva, 1919).

Assim, Jorge de Sousa Gorgulho, com bom aproveitamento obtém o *brevet* num avião Farman F.40, a 11 de abril de 1917, depois de 37 horas e 30 minutos de voo na companhia dos seus 19 companheiros de instrução do 1.º curso de pilotagem dado em Portugal, que temos o grato empenho de aqui recordar os seus nomes, como sincera gratidão e prova da nossa homenagem, por pilotarem destramente as suas naves, não poucas vezes a mais de trezentos metros de altura, sem qualquer proteção de paraquedas, facto este que já se poderia considerar, pelo seu gesto e caráter da maior heroicidade, pois nestas circunstâncias a morte que os esperava era quase certa. Eram eles: Alfredo

Duvalle Portugal, António Correia, António Maria da Cunha e Almeida, António Rodrigues Alves, Artur Pedro Ferreira de Brito, Aurélio de Castro e Silva, David António Monteiro Simões, Eduardo do Rosário Gonçalves, Francisco Pinheiro de Sousa Larcher, João Luís de Moura, João dos Santos, Jorge Ávila, José Joaquim Ramires, José Lopes Correia de Matos, José Manuel Sarmento de Beires, José Pereira Gomes Júnior, Luís Carlos da Cunha e Almeida, Miguel Paiva Simões e Olímpio Ferreira Chaves.

Interessante observar que, mais tarde, a *Ilustração Portuguesa*, de 4 de março de 1918, ao apresentar um texto sobre “Aviadores Portuguezes”, mostra uma fotografia dos “instrutores e alunos da escola de aeronáutica militar”, alguns já descritos por serem do dito primeiro curso, na qual se encontra o alferes Jorge Gorgulho, tirada pelo já referido tenente-médico Almeida Ribeiro Saraiva. Devido ao facto de ser uma fotografia histórica, temos a obrigação de a complementar integralmente com a legenda subordinada que veio publicada junto: “INSTRUTORES E ALUNOS DA ESCOLA DE AEREONÁUTICA MILITAR. - Da esquerda para a direita, sentados, os srs.: tenente de infantaria António Cunha Almeida, piloto aviador; alferes de infantaria Pinheiro Corrêa, observador da esquadrilha a Moçambique; 2.º tenente António Caseiro, instrutor, morto por ocasião do movimento revolucionário do ano passado; 1º tenente Cabral Sacadura, instrutor e tenente de cavalaria Francisco d’Aragão. De pé, os pilotos aviadores, srs.: 2.º tenente Azevedo Vasconcelos; alferes Eduardo Gonçalves; alferes de engenharia Castro Silva; tenente de infantaria Olímpio Chaves; tenente de infantaria Durval Portugal; alferes de infantaria Pereira Gomes; alferes de engenharia Sarmento Beires; tenente de engenharia João Almeida Meleças; tenente de infantaria Luíz Cunha Almeida; tenente de cavalaria João Luiz de Moura; alferes de cavalaria Jorge Gorgulho, vítima d’um desastre no norte de Moçambique; tenente de artilharia Correia de Matos e o alferes de cavalaria Paiva Simões. Na janela, os srs.: capitão de metralhadoras José Ramires; tenente médico Almeida Ribeiro Saraiva, autor do presente Cliché e o tenente de cavalaria Guimarães” (Chaves, 1918b, p. 168).



**Figura 5.** Grupo de instrutores e alunos da Escola de Aeronáutica Militar, em Vila Nova da Rainha, Azambuja, no qual se encontra Jorge de Sousa Gorgulho (assinalado com uma seta) (Saraiva, 1918).

Embarca o piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho no cais de Alcântara, Lisboa, com destino à então província de Moçambique, a 3 de julho (há quem aponte erradamente o dia 2 de junho) de 1917, chegando às águas territoriais da África Oriental Portuguesa a 3 de agosto e a Mocímboa da Praia, segundo parece, a 8 de agosto, depois de uma viagem marítima a bordo do vapor Moçambique (existem autores que relatam que foi no Niassa) que durou trinta e sete dias. Foi neste local estabelecida a base operacional, pela excelente localização estratégica que o lugar oferecia para apoiar o combate contra os alemães, na zona norte da província.

Com ele seguia na viagem o comandante da esquadrilha e capitão de cavalaria Teodorico Ferreira dos Santos, o tenente de artilharia Santos Guerra e o alferes Pinheiro Corrêa, que iam ambos como observadores, bem como o mecânico Norberto Gonçalves e mais dois mecânicos franceses, estes da firma Farman. No porão do navio iam três aviões Farman F.40 desmontados, postos em caixotões, assim como um hangar desmontado da indústria Bessoneaux. Ao contrário do que alguns pensam, estes três Farman F.40 não faziam parte de quatro aparelhos desta espécie adquiridos recentemente, depois de o capitão-tenente Sacadura Cabral se ter deslocado a França, em abril de 1917, por não terem chegado atempadamente. Como existiam cinco na base aérea de Vila Nova da Rainha, foram escolhidos três para serem desmontados e seguirem para fazer parte da “Esquadrilha Expedicionária de Moçambique”. Estes magníficos aviões para o seu tempo, criados por uma empresa francesa fundada, em 1908, pelos irmãos Farman (Richard, Henry e Maurice), estavam dotados com motores Renault 8 C de 130 hp, proporcionando uma velocidade máxima de 110 km/h, com um raio de ação de 250 km, com uma autonomia a rondar as 2 horas e 20 minutos. Mas o melhor de tudo é que tinham a capacidade de transportar dois homens (piloto e artilheiro/observador), uma metralhadora Lewis de 7.7mm à frente e algumas bombas ligeiras.

Só sensivelmente um mês depois de terem aportado a Mocímboa da Praia, e à medida que os aparelhos iam sendo montados, se deu início, a 7 de setembro, ao primeiro voo de teste e adaptação à pista, efetuada pelo alferes de cavalaria e piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho, que, segundo consta, era o único elemento disponível para aquele efeito. Nesse dia, 7 de setembro de 1917, foi então efetuado um ensaio com o primeiro Farman F.40 acabadinho de montar, sendo assim este considerado o primeiro voo realizado na África portuguesa. No dia seguinte, 8 de setembro, o alferes Gorgulho, ao repetir precisamente a mesma manobra de voo, no momento de aterrar, o avião entrou em perda e despenhou-se no solo, incendiando-se de imediato, sofrendo o piloto alguns ferimentos e várias e graves queimaduras. Ainda o retiraram do engenho com restos de vida, acabando por sucumbir seis horas depois do acidente, precisamente, e como já sublinhado, às 12 horas e 50 minutos, como referia o comunicado n.º 30 de Mocímboa da Praia (Norte de Moçambique) para o comandante do Regimento de Cavalaria N.º 2, sediado em Belém, Lisboa (AHM, 1905-1917).

Foi o primeiro aviador militar português a falecer em serviço no então Ultramar Português. Era irmão do tenente-coronel de artilharia Carlos de Sousa Gorgulho (1898-1972), tido como “homem enérgico, honesto e extraordinariamente trabalhador”, como foi apontado pelo então ministro do Ultramar, Marcelo Caetano, e citado por Joaquim Veríssimo Serrão, na sua *História de Portugal*, o qual exerceu, entre outras funções, as de comandante da polícia de Macau e, depois, de governador de São Tomé e Príncipe, aqui entre os anos de 1945 a 1953. Infelizmente, se tivesse exercido somente a primeira comissão de quatro anos, “tinha sido um dos maiores, se não o maior governador de São Tomé”, segundo ainda palavras de Marcelo Caetano, mas esteve os



**Figura 6.** Estado em que ficou o Farman F.40 depois da queda, o qual era dirigido pelo aviador Jorge de Sousa Gorgulho (S.a., 1918).

restantes no lugar “que foi a sua perdição”, pois que a ele se deve parte do infeliz “massacre de Batepá”, motivo porque foi destituído do seu alto cargo (Serrão, 2003, p. 306).

Que o seu sacrifício seja reconhecido, como foi o do piloto-aviador Apeles Demóstenes da Rocha Espanca (1897-1927), irmão da poetisa Florbela Espanca (1895-1930), que se despenhou no seu avião no rio Tejo, entre Porto Brandão e a Trafaria, no dia 6 de julho de 1927, “afundando-se, sumindo-se para nunca mais aparecer”, como assim relatou Costa Leão, e bem, no seu livro *Poetas do Sul – Bernardo de Passos e Florbela Espanca* (Leão, s.d., p. 57), e que lhe perpetuaram a memória ao lhe gravarem um topónimo com o seu nome.

## Referências bibliográficas

[S.a.], 1918. *Mocimboa da Praia – Aeroplano desmantelado depois da queda desastrosa do alferes sr. Gorgulho, na qual teve a morte este corajoso aviador.* [imagem em linha] Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N651/N651\\_item1/P15.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N651/N651_item1/P15.html)> [Consult. 6 de maio de 2015].

AHM – Arquivo Histórico Militar, 1905-1917. *Processo individual de Jorge de Sousa Gorgulho.* Cx. 1425. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1815. *Livro de registo de baptismos.* PRO/PLSB29 Paróquia de Santa Engrácia 1586/1911, Série 001 Registo de baptismos 1586/1911, Documento composto B47 Livro de registo de baptismos 1895/1895, PT/TT/PRO/PLSB29/001/B47, Lv. B47, Cx. 21, Assento 26. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1913. *Livro de registo de casamentos.* Fundo RC/CRCLSB3 3ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa 1911-04-01/1985-12-31, Série 002 Registo de casamentos 1911-04-01/1950-12-31, Unidade de instalação 0011 Livro de registo de casamentos 1913-11-09/1913-12-31, PT/TT/RC/CRCLSB3/002/0011, 3ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, liv. de casamentos n.º 11 de 1913, ui. 370, 5/2/10/6. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Chaves, J. J., ed. lit., 1917. Portugueses em campanha na África. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 9 de outubro. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1917/N607/N607\\_item1/P6.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1917/N607/N607_item1/P6.html)> [Consult. 6 de maio de 2015].

Chaves, J. J., ed. lit., 1918a. A nossa campanha em África. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 12 de agosto. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N651/N651\\_item1/P15.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N651/N651_item1/P15.html)> [Consult. 7 de maio de 2015].

Chaves, J. J., ed. lit., 1918b. Aviadores Portuguezes. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 4 de março. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N628/N628\\_item1/P10.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N628/N628_item1/P10.html)> [Consult. 7 de maio de 2015].

Chaves, J. J., ed. lit., 1919. Morte de um aviador. *Ilustração Portuguesa*, [em linha] 13 de janeiro. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1919/N673/N673\\_item1/P21.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1919/N673/N673_item1/P21.html)> [Consult. 7 de maio de 2015].

Costa, L., [s.d.]. *Poetas do Sul – Bernardo de Passos e Florbela Espanca.* Lisboa: Portugalia.

Lei n.º 162 do Ministério da Guerra – Repartição do Gabinete, 1914. *Diário do Governo:* I Série, n.º 74.

Rocha, C. A. V., 1971. *Calixto n.º 1 – Colégio Militar.* Lisboa: Colégio Militar.

Saraiva, A. R., 1918. *Instrutores e alunos da Escola de Aeronáutica Militar.* [imagem em linha] Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N628/N628\\_item1/P10.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N628/N628_item1/P10.html)> [Consult. 13 de maio de 2015].

Saraiva, A. R., 1919. *A Escola de Aeronáutica Militar em Vila Nova da Rainha vista de aeroplano a 400 metros d'altura.* [imagem em linha] Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1919/N673/N673\\_item1/P21.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1919/N673/N673_item1/P21.html)> [Consult. 16 de maio de 2015].

Serrão, J. V., 2003. *História de Portugal (1941-1951). Da II Guerra à Morte do Marechal Carmona. Volume XV.* Lisboa: Editorial Verbo.